



Fórum Nacional de Professores de Jornalismo (FNPJ)
XII Ciclo Nacional de Pesquisa em Ensino e Extensão em Jornalismo

Indissociabilidade em sala de aula: uma pesquisa sobre as jornadas de junho em Curitiba feita com alunos de graduação em uma disciplina¹

Mário Messagi Júnior e Guilherme Gonçalves de Carvalho²

Resumo

No segundo semestre de 2013, logo após as jornadas de junho que impressionaram e mudaram o Brasil, realizamos uma experiência em sala de aula com duas turmas de 45 alunos de Teoria da Comunicação. Envolvendo todos os estudantes, em funções distintas, realizamos um survey presencial em Curitiba com 650 coletas sobre os protestos na cidade. Com apoio de um aluno de mestrado, que fazia estágio de docência, além de ministrar o conteúdo normal da disciplina, ainda realizamos ao longo de quatro meses a discussão do evento e sua teorização, a formulação do instrumento de pesquisa, a estratificação da amostra, os pré-testes, a supervisão e tabulação dos dados. Das 659 coletas, 581 foram mantidas no banco e os alunos fizeram relatórios de análise dos dados como trabalho final da disciplina. Com métodos e o rigor utilizado neste tipo de pesquisa, fizemos um exercício de pesquisa em sala de aula que produziu um resultado coletivo, com validade científica.

Palavras-chave: Jornadas de junho survey Curitiba

Debater junho de 2013

Este projeto começou a ser elaborado no Prezi, ferramenta on line, colaborativa, de apresentação de trabalhos (<https://prezi.com/nq8rfjp3h37x/manifestacoes-de-junho/>). Esta apresentação foi feita, em duas aulas, aos alunos, debatendo junho. Os alunos foram divididos em grupo de 7, sendo que um seria o líder de grupo, responsável pela elaboração, junto com os

¹Trabalho apresentado na modalidade relato, no Grupo de Trabalho Pesquisa na Graduação, do XII Ciclo Nacional de Pesquisa em Ensino e Extensão em Jornalismo, evento componente do 16º ENPJ.

²Mário Messagi Jr é professor da Universidade Federal de Paraná. Jornalista, é mestre em Letras e Doutor em Ciências da Comunicação. Email: mmessagi@gmail.com. Guilherme Gonçalves de Carvalho é professor do Centro Universitário Internacional (Uninter), Curitiba – PR. Jornalista, é doutor em sociologia. E-mail: guilhermegdecarvalho@gmail.com

professores, do instrumento de pesquisa, quatro seriam aplicadores e dois seriam revisores/tabuladores.

A partir da discussão, foi formulada a primeira proposta de questionário, que foi apresentado, no segundo semestre de 2013, ao grupo de 90 alunos, divididos em duas turmas, do curso de Comunicação Social da UFPR. Eram jovens de 18 a 19 anos, em geral, que serviram como primeiro espaço de discussão e crítica do instrumento. A metodologia seria, portanto, quantitativa (survey), aplicada em jovens curitibanos, de 15 a 29 anos, com estratificação baseada nos dados do senso do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

O questionário

O questionário traz as seguintes variáveis: a) sexo; b) Idade, com três faixas: de 15 a 19, de 20 a 24 e de 25 a 29 anos, conforme estratificação do IBGE; c) Etnia (branca, preta, parda e amarela ou indígena; d) Escolaridade (1º grau, 2º grau, graduação e pós-graduação incompletos ou completos; e) Renda familiar, por salários mínimos (sem, até um, de um a dois, de dois a três, de três a cinco, de cinco a dez, de dez a vinte e mais de vinte; e f) Se trabalhava (sim, não, faço estágio e faço trabalho voluntário).

Algumas questões poderiam servir também para estratificação. A sete perguntava sobre o número de vezes que o respondente tinha participado das manifestações e serve para comparar respostas de jovens que foram com os que não foram para as ruas. Aconteceram quatro manifestações em Curitiba e por isso as opções iam de nenhuma a quatro.

As questões seguintes testavam hipótese levantadas até aqui. A oito visava medir o grau de participação política e em que tipo de ato dos jovens antes de junho, partindo da hipóteses de que muitos estavam debutando nesta atividade. A pergunta era de que tipo de manifestações eles tinham participado antes, com opção de nenhuma. As demais respostas eram sindicais, de movimentos sociais, religiosas, marchas e outras. Na pergunta nove, sabíamos de antemão que as respostas não seriam, de todo, confiáveis. Partimos da premissa que o envolvimento das pessoas em junho tinha sido muito emocional (indignação, esperança, ódio, medo). Por isso, as respostas deveriam refletir, por um lado, motivações, mas poderiam também fazer um retrato de quais narrativas foram vitoriosas em junho, quais discursos deram sentido a movimentos

sociais sem sentido preciso. Perguntamos os motivos para participar das manifestações e, supondo motivações múltiplas, permitimos que as pessoas anotassem até três respostas. As respostas possíveis eram: protestar contra o aumento da passagem de ônibus, protestar contra a corrupção, protestar contra a violência policial, manifestar insatisfação com o governo, pedir melhorias nos serviços públicos, apoiar quem já estava protestando, exercer a cidadania, curiosidade e outro. Sim, respostas vagas. Esta questão foi uma das que mais tomou tempo nos debates com os alunos, pois era difícil formular, mesmo para eles, motivações precisas. A vagueza foi uma das forças e uma das fraquezas de junho. A metodologia (survey) não permite resultados sólidos para além do que os sujeitos declaram.

A violência, aqui, aparece como força mobilizadora possível. É fator relevante, tanto para trazer pessoas às ruas quanto para afastá-las. As perguntas seguintes tratavam de como os jovens viam a violência, seja da polícia, contra patrimônios públicos e privados e entre manifestantes. Havia apenas três opções: aceitável, parcialmente aceitável, inaceitável.

Um dos discursos correntes de junho o que aparece no discurso, editorializado, de Arnaldo Jabor: a juventude acordou (o gigante acordou), os jovens decidiram participar da vida política. Esta hipótese é muito difícil de checar com uma pesquisa de survey. Além disso, ela versa sobre o futuro, sobre o grau de interesse e participação dos jovens na vida política a partir dali. As duas questões seguintes questionavam o grau de interesse na última eleição e qual seria o grau de interesse na próxima, a de 2014. Sabíamos que as respostas podiam tender ao discurso politicamente correto ou autoindigente, mas não há alternativas adequadas no escopo desta metodologia para averiguar esta questão.

A questão das necessidades ou valores como força da militância aparece na pergunta seguinte, sobre quais serviços públicos os jovens utilizavam (transporte, saúde, educação, nenhum ou outros). Os jovens que reivindicavam mais direitos usufruem deles ou lutam pelo valor em si?

As questões seguintes pretendiam medir a posição dos jovens sobre diversos temas polêmicos e, inclusive, apontando o perfil ideológico dos participantes das manifestações. Também pretendia, ao incluir a possibilidade de desconhecimento ou indiferença por um tema, medir o quanto certos assuntos estavam fora da agenda da

juventude, quais eles conheciam, quais debatem, etc. As perguntas eram sobre o posicionamento (a favor, contra, indiferente ou desconhecimento) sobre o passe livre, Bolsa Família, reforma política, estatização do transporte público (condição, na concepção do MPL, para o passe livre), movimento LGBT, movimento feminista, descriminalização do aborto e da maconha, cotas sociais e cotas raciais.

A complementaridade dos meios aparece nas questões seguintes. Supomos que os meios unidirecionais e os multidirecionais cumpriram papéis diferentes em junho, um narrando e o outro organizando os movimentos. A união destes atores foi fundamental para a fase de gigantismo de junho, entre os dias 14 e 20. A pergunta era por onde acompanhou os acontecimentos e por onde ficou sabendo onde seriam as manifestações, com possibilidade de marcar até três opções, entre as seguintes: TV, rádio, jornal, sites de notícia, Facebook, Twitter, blogs e outros.

A mudança abrupta de posição dos meios de comunicação tradicionais (duas vezes, pois houve retorno no final à cobertura criminalizante) foi percebida pelos jovens? Respostas possíveis eram contrária às manifestações, neutra, a favor das manifestações e às vezes contrária, às vezes a favor das manifestações. A resposta dos governos também foi testada. Partimos da premissa de que os jovens teriam muita dificuldade para identificar as respostas dos diversos níveis de governo e, por isso, a questão era sobre a respostas dos poderes públicos em geral, com opções ótima, boa, razoável, ruim, péssima e não sei. Tende a captar, também, mais um discurso antipolítica do que uma avaliação consistente.

Por fim, era necessário medir o potencial, declarado, de novas manifestações, com questões sobre se as pessoas tinham intenção de participar de outra manifestação e quais seriam os motivos que as levariam para a rua. Aqui, mais uma vez aparece a força dos discursos e o quanto eles obtêm de adesão. As motivações reais das pessoas ficam além das possibilidades metodológicas. A violência, de qualquer forma, aparece como fator de potencial desmobilização. As respostas possíveis eram: eu vou de qualquer forma, vou se não tiver partido político, vou se for chamada por coletivos como o MPL, vou se meus amigos forem, vou se não houver violência policial, vou se não houver vandalismo, vou se tiver pauta definida, não vou participar e outro.

Por fim, a última questão era apenas para os que não participaram das manifestações e, neste caso, mira em respostas mais concretas sobre os motivos para

não terem participado: não tinha pauta definida, violência, não participo de manifestações de rua, não ia resolver nada, não sabia, meus pais não deixaram, tinha outras prioridades e outro.

O formulário foi submetido a dois pré-teste, o primeiro on line, em setembro, e o segundo presencial, nos dias 24 e 25 de outubro de 2013, com entrevistas realizadas na própria UFPR, pelos alunos. Foram identificadas ambiguidades, questões insuficientes, dúvidas e, a partir disso, feitos ajustes. Também foi medido o tempo para responder aos questionários, que ficou entre 5 e 7 minutos na grande maioria das aplicações.

As aplicações, presenciais, foram feitas entre o dia 4 e 19 de novembro de 2013. Os alunos foram os aplicadores e, para garantir a homogeneidade dos procedimentos, foram orientados em sala de aula e receberam as seguintes instruções por escrito:

- 1) Informe ao entrevistado seu nome;
- 2) Informe que a UFPR é a promotora da pesquisa;
- 3) Informe que o tema da pesquisa é juventude curitibana e as jornadas de junho;
- 4) Informe que a pesquisa é totalmente anônima;
- 5) Peça o celular do entrevistado, com operadora, e explique, enfaticamente, que ele só será usado para supervisão do aplicador;
- 6) Se necessário, explique o que é supervisão: que uma outra pessoas poderá ligar para checar se o questionário foi efetivamente respondido pelo entrevistado. Apenas 20% da amostra será supervisionada;
- 7) Informe que a leva de 5 a 7 minutos para responder o questionário;
- 8) Informe que o resultado será divulgado pela UFPR;
- 9) Entregue o questionário para o entrevistado, com uma caneta, para que ele preencha sozinho, mas acompanhe à distância. Nunca olhe como ele está respondendo;
- 10) Após ele entregar, verifique se o questionário está corretamente preenchido, sobretudo quanto a: a) se não há respostas duplas, b) se não respostas em branco, c) se o limite de respostas na múltipla escolha foi respeitado, d) se na questão 8 ele não respondeu nunca e outra, e) se quem respondeu que não participou das manifestações (e somente estes) respondeu a questão 33;
- 11) Caso haja erros nas respostas, peça para que o respondente corrija. Se ele se negar, descarte a aplicação.

A forma de aplicação escolhida foi a autoaplicação supervisionada, em que o respondente preenche diretamente o questionário, com base nas instruções dos aplicadores. Esta estratégia, além de tornar o preenchimento mais rápido, ainda visa minimizar as interferências causadas nas respostas pelo próprio processo de aplicação, o

que é conhecido como “paradoxo do observador”. O observador quer ver as coisas como elas são, mas sua mera presença altera o objeto observado. Não há como eliminar o problema, apenas como minimizá-lo.

Para garantir dispersão dos locais de aplicação, levantamos os bairros de residência dos aplicadores, para verificar se havia suficiente dispersão geográfica pela cidade de Curitiba. Assim, as aplicações foram feitas nos seguintes bairros: Abranches, Água Verde, Alto da XV, Bacacheri, Bairro Alto, Barreirinha, Batel, Bigorrião, Boa Vista, Bom Retiro, Butiatuvinha, Cabral, Campo Comprido, Capão Raso, Cascatinha, Centro, Cidade Industrial, Cristo Rei, Fazendinha, Guabirota, Hauer, Juvevê, Mercês, Novo Mundo, Parolin, Portão, Prado Velho, Rebouças, Santa Quitéria, São Francisco, São João, São Lourenço, Sítio Cercado, Uberaba, Umbará e Xaxim.

Os aplicadores receberam as seguintes orientações para escolha dos entrevistados junto com uma planilha com as metas de amostragem, estratificada, por grupo de trabalho:

- 1) Observe na planilha de cada grupo o número de homens e mulheres por idade, bem como os percentuais de etnia. Estes dados serão checados posteriormente;
- 2) Não descarte nenhum questionário respondido, mesmo que o entrevistado esteja fora do perfil requerido. Estes questionários não contarão para efeito de cumprimento da meta de entrevistas. Entregue-os em separado, para que os tabuladores/supervisores saibam que se trata de material adicional, acima das quantidades definidas na amostragem;
- 3) Não realizamos estratificação por faixa de renda, por falta de dados precisos do IBGE. Mesmo assim, procure entrevistar pessoas de diversos perfis socioeconômicos;
- 4) Caso precise de mais cópias do formulário, o arquivo está disponível no grupo da disciplina no Facebook, bem como estas orientações.

No dia 21, começou o trabalho de supervisão, de 20% da amostra, e de tabulação. No começo de dezembro, estavam tabuladas 540 respostas. Sessenta e cinco foram agregadas no final de 2014, após passarem por uma segunda checagem de supervisão. Cinquenta e quatro questionários foram descartados na supervisão, com inconsistências ou por impossibilidade de checagem.

Estratificação

A estratificação usou como base os dados do Censo do IBGE, de 2010, que apontou os dados contidos na tabela abaixo. O cálculo da amostra foi feito com margem de erro de 4% e confiabilidade de 95%.

Ao final, foram tabuladas 605 respostas válidas (54 foram descartadas na supervisão), mas apenas 581 foram consideradas na amostra. Vinte e quatro respostas foram eliminadas aleatoriamente, sobretudo homens de 15 a 19 anos, brancos e amarelos ou indígenas. Com isso, apenas a proporção de idade não foi atingida, pois foi mais difícil encontrar jovens com mais de 24 anos nas ruas, tendo em vista que eles tendem a estar mais no mercado de trabalho. Na proporção de pretos e pardos houve discrepância, mas isso provavelmente é efeito do método de aplicação. Com aplicação supervisionada, diminuindo o paradoxo do observador, mais jovens se autodeclararam pretos, o que fez o percentual atingir 4,6%, ante 2,97% do IBGE. No total de pretos e pardos, os dados fecham.

Relatório

Os alunos apresentaram trabalhos finais com análises dos dados, ainda com 536 aplicações apenas. Cada grupo solicitou as estratificações que julgou mais esclarecedoras. Os trabalhos mostraram alguma capacidade de análise, satisfatória para alunos de primeiro ano. Em 2015, fechamos o relatório final agregando as aplicações que faltavam, sobretudo as que ficaram suspensas por dúvidas na supervisão, mas também fazendo eliminação aleatória de alguma para encaixar nos percentuais de gênero e etnia.

Referências bibliográficas

- BRAGA, José Luiz. **A sociedade enfrenta sua mídia: dispositivos sociais de crítica midiática**. Paulus, 2006.
- Brasil. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. **Pesquisa brasileira de mídia 2015 : hábitos de consumo de mídia pela população brasileira**. – Brasília : Secom, 2014.
- CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2013.
- MARICATO, Ermínia et al. **Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013.
- NEGROPONTE, Nicholas; ZELLMEISTER, Gabriel; PETIT, Cuca. **A vida digital**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- ZIZEK, Slavoj. **Primeiro como tragédia, depois como farsa**. São Paulo: Boitempo, 2011.